

EDITORIAL

POR SEFI STRENGEROWSKI

A RIQUEZA DA PLURALIDADE

No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidades e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres singulares (Hanna Arendt, in “A Condição Humana”)

Tivemos no dia 01 de Junho um evento organizado pela Comissão de Eventos em parceria com a Comissão de Projeto e Pesquisa do Departamento Formação em Psicanálise cujo tema foi “Concepção do Feminino e Masculino nas Escolas da Psicanálise: Breves Reflexões”. Com a abertura de Emir Tomazelli, seguido por Marina Ribeiro, que nos trouxe o olhar kleiniano e José Carlos Garcia, com o olhar lacanianiano, o evento fez-se riquíssimo, justamente pelas diferenças dos olhares de cada autor apresentado sobre o tema.

Pode-se perguntar se é possível existir apenas A Psicanálise, A certa, A única e que, se não for aquela, está errada ou não pode existir. Há espaço para discordância, e até deve haver para se poder pensar, mas parece que a angústia aparece no encontro com o não-entender esse modo distinto do outro. Talvez, para o ser humano, seja mais fácil excluir o que lhe é estranho, o que não consegue entender, o que é diferente. Mas como, entrando em contato com essa angústia, poder sim procurar uma abertura para entender esse outro tão diferente de cada um?

E, seguindo esse princípio, de se abrir ao novo, sem julgamento, é que a diversidade de textos, de pontos de vista, de conteúdo, de olhares, de experiências é tão bem-vinda à revista Acto Falho. É ela que enriquece não só a revista, mas principalmente quem a lê. Por isso, a participação nesse espaço é muito importante: por alunos, professores e membros, para que saíamos enriquecidos internamente com a leitura da contribuição de todos.

Nessa edição, na coluna “Juntos no Acto Falho”, quem contribui é a professora Maria Teresa Scandell Rocco, contando sobre sua experiência e trajetória na Psicanálise. E na coluna “Episteme”, o professor Durval Mazzei Nogueira Filho nos conta sobre os fundamentos epistemológicos em que baseia sua prática clínica. Cada um com sua riqueza e singularidade. Nessa edição, você irá encontrar textos que vieram das mais distintas formas: em texto, em poema, com humor, quadrinhos, imagem que fala

ÍNDICE

ACTO FALHO 24

EDITORIAL - A RIQUEZA DA PLURALIDADE - SEFI STRENGEROWSKI 1

TRABALHO EM VALSA TOM: DÓ MAIOR. NADA DE SUSTENIDOS E BEMÓIS - BEATRIZ VOGEL, CARMINA PINHEIRO DE SOUZA, MARIA JULIA MARTINS E SEFI STRENGEROWSKI 2

A MORTE DO GATO - ELIANE ACCIOLY FONSECA 3

REMÉDIO EM / DE BAIXA RESOLUÇÃO - EDUARDO LARA 4

A DEMANDA DE UM CERTO OUTRO - EDUARDO LEAL 4

E SE STAN LEE FOSSE MELANIE KLEIN? - FRANCISCO MARQUES NOGUEIRA 6

RECEITA DE SER HUMANO - SEFI STRENGEROWSKI 8

JUNTOS NO ACTO FALHO - ENTREVISTA COM MARIA TERESA SCANDELL ROCCO 8

EPISTEME - ENTREVISTA COM DURVAL MAZZEI NOGUEIRA FILHO 10

DECIFRA-ME OU TE DEVORO 11

AGENDA 12



por si mesma e até mesmo um texto que surgiu em grupo. Quantas formas para poder se colocar!

Talvez, poder abrir-se para AS Psicanálises, no plural, para AS Identificações, também no plural. A riqueza do nosso departamento está exatamente na possibilidade de colocar seus alunos, professores e membros em contato com diversos modos de olhar, compreensão e experiências da psicanálise. Na teoria e na prática, mesmo dois profissionais que se identificam e seguem um mesmo autor podem compreender, enxergar, sentir e trabalhar um mesmo caso clínico, por exemplo, de formas e manejos distintos um do outro. Isso abre a mais plurais: OS estilos de cada um.

E é nesse grande espaço paradoxal – pois não há outro espaço – em que a distinção é a marca do humano, que é preciso encontrar um lugar para a singularidade de cada um de pensar, de sentir, de existir e para a abertura de um espaço interno à riqueza desse estranho e desconhecido que é o outro e, quem sabe, surpreendentemente, encontrar algum sentido nele, formando a pluralidade através das singularidades.

E é com isso, que esperamos que vocês, leitores, possam desfrutar da diversidade que encontrarão aqui e fazer a vocês o convite de contribuir com seus olhares, experiências, pensamentos e, assim, podermos “Juntos no Acto Falho” construir um espaço em que as singularidades sejam destacadas e valorizadas em prol à riqueza da pluralidade.

Sefi Strengerowski

Rua Francisco Leitão, 327, Pinheiros, São Paulo – SP

Tel. 11 99414 6684

Email: sefi287@gmail.com

TRABALHO EM VALSA

TOM: DÓ MAIOR. NADA DE SUSTENIDOS E BEMÓIS.

POR BEATRIZ VOGEL, CARMINA PINHEIRO DE SOUZA, MARIA JULIA MARTINS E SEFI STRENGEROWSKI

A to 1: A angústia

O cotidiano ainda está me engolindo e o pragmatismo prevalecendo para dar conta de tudo de eito - não deixar nenhum dos muitos pratos que estou equilibrando, feito artista chinesa em palco, cair. Em uma hora acho que o silêncio volta a reinar e eu posso talvez achar espaço e energia em meio ao cansaço para sonhar...

A to 2: O sonho

Que delícia essa valsa!! Quero bailar!!! Voar nesse baile com passo 3/4!!!

Ainda não pude ver nada, só sentir!!! Seguirão minhas emoções mais tarde, após ler/ sentir/olhar/introjetar/projetar e fantasiar!!!!

A to 3: A Valsa

Valsa. Ritmo em 3/4.

Valsa, o ritmo que promove a dança de 2.

Eis que 2 grupos se unem: um com 3 e um com 4.

Formamos uma dupla. E podemos dançar Valsa.



Viennese Waltz - Thomas Wilson 1816

E que Valsa iremos dançar?
Olhem só que incrível: A Valsa do 3. Foi assim que eu chamei.

No Seminário teórico sobre o Complexo de Édipo, que número seria o rei, se não o 3? O ritmo ideal para esse Complexo vivido, de que ninguém se safa, que não se dissolve, não some, naufraga.

Há um três enigmático a nos rondar: três grupos, três artigos, três obras, pai - mãe - filho. O grupo de sete mulheres que aqui escreve, faz parte do encontro de um trio(3) - Simone, Sheila, Carmina - com um quarteto(4) - Beatriz, Maju, Maria e Sefi. Provocadas pelo compasso ternário(¾): quantas valsas, baladas ideias, ressonâncias, perspectivas, palavras e danças por vir?

E quantos 3 encontramos aqui!
O 3 do próprio Complexo de Édipo: pai, mãe, filho/filha.
O 3 das três grandes obras que falam desse complexo: Hamlet (Shakespeare), Os irmãos Karamazov (Dostoiévski) e Édipo rei (Sófocles).
3 grupos foram formados na sala
3 textos a serem trabalhados
3 Atos desse texto

Minha mãe sempre me dizia quando eu era pequena: “Não é bom fazer coisas a três, quando for fazer trabalhos ou qualquer outra coisa, sempre faça em número par”. Bom, hoje eu sei o porquê. Aqueles sentimentos do terceiro excluído que muitos (a maioria? Arrisco: Todos?) levam para suas relações diárias. A exclusão, rivalidade, raiva, ciúme e um espaço para o amor também.

Eis que aqui conseguimos fazer um trabalho: Trabalho em Valsa: a Valsa do 3.

Sabe que uma teórica da música me disse: “Há muitas valsas em 3, mas a maioria é em 2 ou (6/8) Chi, cumpricô! Ahahaha!

O mais importante, em minha opinião, é que de um jeito ou de outro (samba, valsa, rock, 2/2, 3/4, 7/5, 6/8) estamos tentando acertar os passos (e haja pés - 14!!)

Beatriz Vogel
Granja Viana: The Square Open Mall Bloco F cj 101
São Paulo: R. Diogo de Faria, 775 cj 42
Telefone: (11) 97652-4960
Email: beavogel@hotmail.com

Carmina Pinheiro de Souza
Rua Palestina, 166 Vila Mascote, São Paulo - SP
Telefone: (11) 5064-5053/(11) 96307-3699
Email: carmina@usp.br

Maria Julia Martins
Rua Dr. Guilherme da Silva, 667 Cambuí - Campinas - SP
Telefone: (19) 99787-0595
Email: mjhm@terra.com.br

Sefi Strengerowski
Rua Francisco Leitão, 327 Pinheiros, São Paulo - SP
Telefone: (11) 99414-6684
Email: sefi287@gmail.com

A MORTE DO GATO

POR ELIANE ACCIOLY FONSECA

Enquanto o gato que me habitava morria,
(sete vidas espertas e bem vividas agora moribundas)

um espelho explode um planeta,
a noite escura abate minha alma:
que mais em mim quebrando se esvaía?

Como ficar sem os muros
as heras e unhas-de-gato
as noites de cios vadios
as brigas e a malandragem
os gritos nas madrugadas
as travessias de ruas?

Sem o vício por sardinha
sem as cumbucas floridas
entornando leite ou água?

Sem os dengos
sem as manhas
o novelo arrepiado
a poltrona beije rasgada
de afiar vinte garras?

Como perder o poder
de fazer tremer e correr
ratazanas e baratas?

A oitava vida se vai, lunar,
em tranças pretas e prata

Nenhum príncipe para me acordar
mas também, nenhuma torre
de onde ser libertada

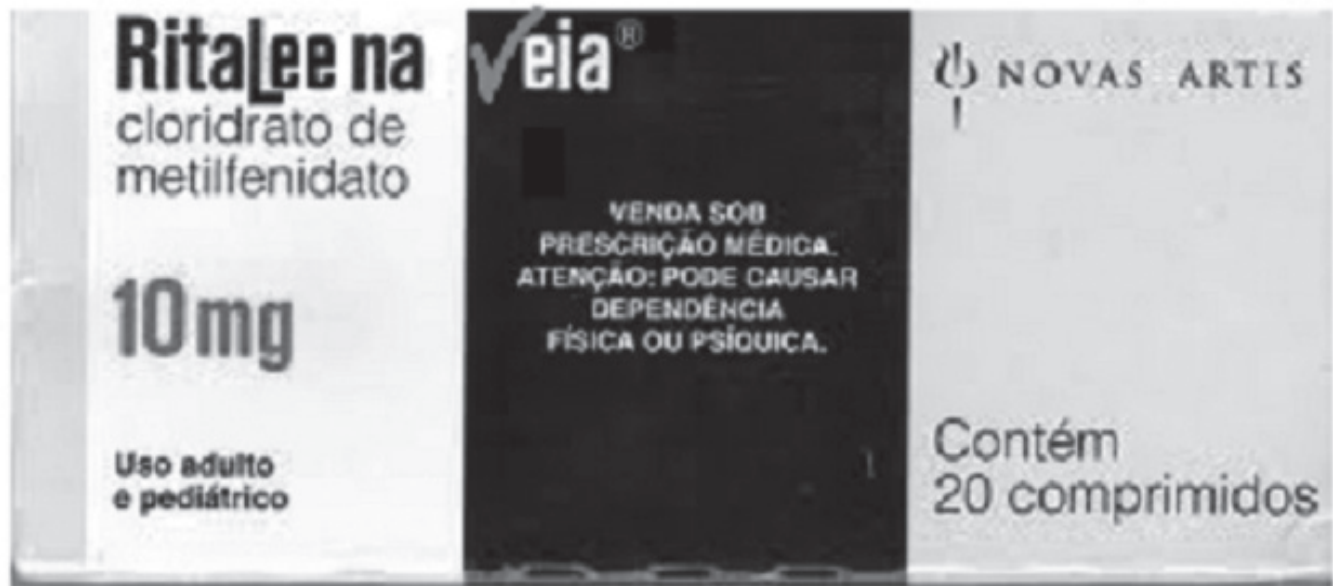
A grande morte chegou?
o último suspiro apaga a pena de mim
seco os olhos, abro cortinas e persianas
e felina, (a isto não renuncio)
espreguiço diante do sol acolhedor
a letargia sim espanto em uma cascata gelada
(coisa que gato abomina)

Me penteio, escovo os dentes
visto velhas pantalonas
e descalça, preparo-me para rodar
mais algumas milhas
por estreitas vigílias escarpadas, não mapeadas

Eliane Accioly Fonseca
R. Joaquim Floriano, 871, cj. 94 Itaim, São Paulo - SP
Telefone: (11) 98471-9977
Email: consultorio@acciolyfonseca.psc.br

REMÉDIO EM / DE BAIXA RESOLUÇÃO

POR EDUARDO LARA



Eduardo Lara

Rua Coronel Lisboa, 675. Vila Mariana - São Paulo - SP

Tel. 11 98383 0086.

Email: eduardo.lara@gmail.com

A DEMANDA DE UM CERTO OUTRO

POR EDUARDO LEAL

“... e o mais interessante foi constatar ao final de nossa incrível viagem, que, no grupo de aproximadamente 15 casais que estavam conosco, todos, sem exagero, estão também tomando anti-depressivos. Eu e minha mulher achávamos que éramos os únicos casais em que ambos tomam.... E neste grupo - para a nossa surpresa - predominavam casais jovens, saudáveis, no auge da idade produtiva...”
- Trecho de sessão

Uma questão palpitante da Psicanálise atual é quais possíveis referências simbólicas disponíveis na cultura poderiam suprir - em algum grau - o declínio da função do Pai na formação subjetiva dos sujeitos contemporâneos.

Se levarmos em conta que é na empresa (senso lato) onde os indivíduos passam a maior parte do seu tempo e onde depositam grande parte de suas demandas de reconhecimento, não estaria justamente esta instituição a ocupar um papel central de Outro? E qual a convocação deste Outro que não seja o imperativo destinado ao sujeito no sentido de “performar”, estar sempre motivado e infatigável?

Este Outro estimula indiretamente o uso de psicofármacos pelos sujeitos? A empresa e os Anti-depressivos andam de mãos dadas?

Nora Miguelez afirma que “... os atuais agentes desses novos poderes (a escola, a empresa, a mídia, a propaganda, etc.) que herdaram a potência paterna, continuam a determinar a vigência da interdição edípiana, a qual é garantia dos processos de subjetivação, sexualização

e “ escolha” da psicopatologia” (1A), e que “na contemporaneidade não existiria um vazio de poder, efeito da decadência da figura paterna; pelo contrário, novos poderes ocupariam o espaço da potência perdida pelo pai”... (1B)

A observação notável da hipermedicalização atual se relaciona não somente às características subjetivas e seus sofrimentos constituídos “classicamente”, na relação com os objetos de amor primordiais, e que configuram a máxima freudiana “o superego é herdeiro do Complexo de Édipo”. O mandamento do sucesso a qualquer preço e a ansiedade por status e prestígio, no mínimo, são alimentados pela mídia, e notadamente pela empresa, num mais além das ambições individuais ancoradas no Outro familiar e no semelhante sexuado.

O caldo cultural atual, com suas múltiplas redes de conexão e com sua capilaridade nos vários aspectos da vida (que aumentam as possibilidades certamente por um lado) - e que tem por consequência a destituição de certos cânones e lugares consagrados - estimula o sujeito à produção, tal como no discurso do mestre Lacaniano.

O que poderia ser uma abertura ao desejo, com incremento de liberdade, tem se configurado como uma incitação categórica, levando o sujeito à alienação ao trabalho, uma das marcas do mal estar

contemporâneo. Uma espécie de falta de um ponto de basta, “autorizado” desde as referências do Outro ou - ainda, ao menos deveria ser - acionado pelos termômetros de angústia internos, esses últimos alterados pelas drogas psiquiátricas sempre no sentido de aumentar o limiar de disparo para se chegar a uma percepção do seu estado psíquico.

O Outro da empresa quer seu sangue: “tem que haver derramamento de sangue quando se fala em trabalho” como sublinhou um paciente... E continua dizendo “que caso não esteja disposto a se entregar a essa exigência, há uma fila de espera faminta”. O Outro que exige e ameaça.

Na vinheta clínica inicial constata-se que não se trata de um grupo de pacientes que não possuem condições financeiras, o qual a lógica da exclusão se incide, fazendo dos tratamentos farmacológicos - infelizmente e geralmente - a única opção de alívio para grandes populações... Trata-se de uma escolha, no caso integral, do grupo de viagem de meu paciente. Em nenhuma hipótese, se trata aqui de estabelecer um antagonismo generalizado ao uso de psicofármacos, que tem sua indicação e utilidade em casos específicos. Interessa-nos o excesso.

O caráter mandatório, sem alternativas e sem nos esquecer do eventual prazer ao se obedecer estas referências absolutas de buscar o que se diz melhor – materialmente e socialmente – em conjunto formam o campo fértil para a necessidade de mudanças agudas no plano real/pulsional, único modo de ação dos psicofármacos. Não é à toa que as medicações psiquiátricas viraram até temas do Humor, tal como o nome de uma banda carioca, parodiando o Benzodiazepínico da moda: “Rivotrio”.

“Só uma Ritalinazinha (2) Dr., por favor, pelo menos até o concurso público terminar...” suplica um “concurseiro” desesperado.

Um outro ponto onde se consegue verificar a sinergia possível entre a empresa e os Antidepressivos é o próprio efeito destes psicofármacos sobre a afetividade. É frequente pacientes, na vigência do uso de antidepressivos, dizerem que estão bem, produtivos, pararam de chorar e ter oscilações maiores de Humor, mas que estão “sem emoções” e indiferentes às ocorrências da vida, seja para o bem ou para o mal.

Esses remédios “super-inteligentes”, como mencionou também Fédida, tem seu mecanismo de ação baseado no aumento do tônus psíquico (aumento da atividade psíquica), que fica regulado “para cima”, e também na diminuição da amplitude das variações emocionais.

Em suma: fica-se com um aumento da capacidade de rendimento e uma maior tolerância aos eventos e infortúnios (em alguns casos um verdadeiro embotamento afetivo). Uma vez certo psiquiatra de renome afirmou que as pessoas ficam mais “robustas” mentalmente ao usarem Fluoxetina.

Menos emoção e variação - decorrência dos ruídos subjetivos - e maior produtividade e foco! Há, nos dias de hoje, uma procura enorme para livros de auto-ajuda nesta linha: aumentar o Foco!

Não são essas características as buscadas pelos empregadores?

Nossa dúvida lançada toma forma: um certo Outro, com suas demandas, deve estar relacionado à febre de antidepressivos e psicofármacos.

Como o desejo do Homem “é o Desejo do Outro”, a indústria farmacêutica está saltitante, e dispensa suas moléculas para si mesma...

REFERÊNCIAS

(1) Complexo de Édipo Hoje? Nora Miguelez, Tese de Doutorado – PUC/

SP 2007- (A) pg.6, (B) pg. 194

(2) Ritalina: anfetamina prescrita para o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, e também usada - de modo informal - com o intento de aumentar o desempenho cognitivo.

Eduardo Leal

R. Maranhão 554 cj. 31 Higienópolis São Paulo - SP

Fone: (11) 98202-3648

Email: eduardo_leal@terra.com.br



Happy pills - <http://emmascrivener.net>

E SE STAN LEE FOSSE MELANIE KLEIN?

POR FRANCISCO MARQUES NOGUEIRA

Certamente a transformação do Hulk seria narrada segundo a inveja e a relação dos objetos internos...

Texto: Melanie Klein - exceto a introdução.





Francisco Marques Nogueira
Rua Girassol 796 cj. 07. Vila Madalena - São Paulo - SP
Tel. 11 4883 0786/11 98808 4846
Email: nogueira786@gmail.com



Como-fazer-um-livro-de-receitas.jpg - <http://www.mulher.com.br>

RECEITA DE SER HUMANO

POR SEFI STRENGEROWSKI

Dose= quantia indefinida
Observação: a quantidade de ingredientes pode variar dependendo de quem está fazendo a receita.

Ingredientes essenciais

- Uma dose de bem
- Outra de mal
- Uma dose de amor
- E outra de ódio
- Exigências e proibições em quantia moderada seria algo de um ideal, mas como ele não existe, então coloque a quantia que vier
- Possibilidades à vontade, de acordo com as suas permissões
- Conteúdo desconhecido em quantia desconhecida: chute
- Defesas, mas calma, porque tem coisas que se você for pensar, talvez você não precise delas sempre
- Uma pitadinha de angústia pra dar aquele gosto
- Ah sim, para essa receita é primordial análise pessoal. Sem ela, a receita pode provocar efeitos colaterais graves!

Modo de preparo

Misture tudo e aproveite!

Se as quantidades não ficarem de acordo com seu paladar,

Você pode mudar!

Sefi Strengerowski

Rua Francisco Leitão, 327 Pinheiros, São Paulo - SP

Telefone: (11) 99414-6684

Email: sefi287@gmail.com

JUNTOS NO ACTO FALHO

ENTREVISTA COM MARIA TERESA SCANDELL ROCCO

Acto Falho: Como começou sua relação com a Psicanálise?

MT: A minha relação com a Psicanálise começou aos 13 anos de idade, quando eu fui “cobaia” da irmã de uma amiga que me aplicou testes projetivos na clínica da PUC. E eu fiz aquela bateria toda de testes que teve uma devolutiva e eu fiquei assombrada de como uma pessoa, através de algum instrumento, poderia saber o que se passa com outra e entender coisas sobre ela que ela mesma não suspeitava ou não entendia daquela maneira. Fiquei encantada! E depois eu cursei a disciplina de psicologia no segundo grau, nos Estados Unidos. Quando eu voltei, entrei na Psicologia na USP. Na verdade, eu não conhecia a psicanálise...

Fui apresentada à psicanálise pela professora e psicanalista Amina Maggi, no terceiro ano da graduação – realmente foi um caso de paixão à primeira vista.

Em que ano você começou a estudar Psicologia?

Eu entrei em 1973 e terminei em 1977.

E quanto à sua formação em Psicanálise?

Eu diria que comecei a minha formação em Psicanálise



Maria Teresa S. Rocco - Sedes Sapientiae

nos últimos anos da faculdade, quando fui fazer análise e trabalhar em um Centro Comunitário de Saúde Mental, na Cidade Dutra que tinha uma equipe de psicanalistas. Lá entrei em 1976 e de estagiária passei a psicóloga voluntária, permanecendo até 1979.

E nesse começo de percurso, quais foram os professores que mais te marcaram?

Na USP, Amina Maggi, Vera Stella Telles e Luiz Carlos Nogueira foram realmente professores que fizeram muita diferença. Aqui no Sedes, quando eu entrei, o curso de Psicanálise tinha acabado de se dividir em dois. Oscar e Nora Miguelez tinham acabado de chegar, [Carlos] Guilherme Bigliani e a Lea [Beatriz N. De] Bigliani, além de Mary Carpossi foram os que me marcaram mais. Mas também o Roberto Azevedo, que apresentava o viés kleiniano, e Eliana [Rache Humberg].

Você leciona no Sedes desde 1984. Quais foram as etapas que você percorreu até se tornar professora?

Em 1984 eu entrei como monitora. Eu sou da mesma turma do Emir e do Durval. Depois de alguns anos, os monitores foram conversando e fazendo um movimento para que eles tivessem uma pertinência maior, queriam ter voz mais ativa. Então, aos poucos, nós também fomos ganhando espaço e passamos a professores auxiliares. Eu já fui parte da segunda gestão do Departamento, (que na época se chamava CEPSE). Então eu já era bastante ativa no Departamento mesmo enquanto monitora. E, se não me engano, foi em 1991 que eu passei realmente a ser contratada pelo Sedes como funcionária, como professora efetiva, quando houve, então, uma separação aqui. Houve duas cisões: primeiro saiu o Roberto Azevedo com alguns professores e, depois, numa segunda cisão, saíram Guilherme Bigliani, Lea Bigliani, João Sergio Telles e Oswaldo De Vitto.

Comparando o momento em que você entrou no Sedes com o momento atual, já com o Departamento Formação em Psicanálise consolidado, o que você percebe que melhorou?

O que eu acho que melhorou foi a vida institucional do Departamento, porque ele não existia. Eu procurei o curso aqui afinada ao posicionamento ideológico-político do Sedes, afinada com a proposta de não aceitar uma análise didática imposta de cima para baixo, mas uma escolha mais livre do analista. O curso era de muito boa qualidade e acho que continua sendo um curso de excelência. O Departamento passou a abrir esse espaço de formação continuada, de grupos de estudo de pensamentos e práticas de outros autores que não aqueles contemplados no curso. Antes isso não existia. E eu fico feliz em ver que, cada vez mais, nós temos grupos de estudo, ciclos de palestras, eventos, trocas com pessoas que vêm trazer uma contribuição mais contemporânea, e assim por diante. Então, eu acho que o grande diferencial foi o desenvolvimento desse espaço que é o próprio Departamento.

Outra coisa que foi criada no ano 2000 e que eu tive a satisfação de fazer parte dessa criação é o Acompanhamento Clínico. Esse é um espaço dentro do curso, um espaço de acolhimento e de discussão mais horizontal sobre questões da teoria, da técnica e da formação do psicanalista. Agora temos o Acompanhamento clínico no primeiro ano e o Acompanhamento kleiniano no segundo. Eu acho que são conquistas mais recentes e que

nós temos que cultivar e preservar.

Enfim, eu acho que a riqueza do nosso departamento é a pluralidade de paradigmas da psicanálise: Freud, Escola Inglesa, Winnicott, Lacan, Bion, Green... que são paradigmas que têm uma coerência interna e que têm uma metapsicologia própria. Penso que todos podem coexistir sem que um fique sendo comparado ao outro, ou ficar competindo quem é o melhor, quem faz a verdadeira Psicanálise e quem é a falsa Psicanálise. Eu acho que essa é a grande riqueza do nosso departamento, e também temos que preservar.

Como você vê a sua participação e seu envolvimento na nossa comunidade antes e depois da criação do Departamento Formação em Psicanálise no início da década de 1990?

Desde o início (meados de 1986) fui participante do Departamento. Fui secretária da segunda diretoria, em que Roberto Azevedo era o coordenador geral. Com raríssimas exceções, eu sempre estive, desde os anos 80, participando de alguma comissão no Departamento. Fui primeira secretária várias vezes, mas nunca quis ser coordenadora geral. Também fui Coordenadora de Eventos diversas vezes e, também, da Comissão de Curso. Eu acho muito importante a gente estar sempre revitalizando e dinamizando o Departamento e acho que, para ser coerente com essa importância, eu tenho que disponibilizar o meu tempo e o meu trabalho.

Que mensagem ou conselho você deixa para os psicanalistas em formação do nosso departamento?

Sempre estudar, ser curioso, inquieto e insatisfeito com o jeito que as coisas estão; sempre querer mais. Eu acho que o espaço de comunidade, o espaço de trocas, é o caldo mais rico que nós temos para compartilhar, para sermos provocados e para escutar coisas que algum colega leu de que nunca ouvimos falar. Também acho que, para além do tripé da Psicanálise que Freud preconizou sempre, existe o espaço institucional, o Departamento, e esse é o quarto pé que eu acredito que apoia a formação do analista que não pode terminar nunca. Mesmo completando o curso regular aqui do Sedes, isso não impede que possamos frequentar outros. Então, a minha mensagem é de que a gente nunca fique solitário. Não acredite que, por ter feito um curso sistematizado e ter defendido uma monografia a sua formação está concluída e você vai se encastelar no seu consultório ou no seu trabalho numa instituição e ficar por ali para sempre. Eu acho que temos que estar sempre inquietos, insatisfeitos e sentir que está faltando alguma coisa, que nós nunca chegamos lá. Temos que estar sempre nesse percurso.

EPISTEME

ENTREVISTA COM DURVAL MAZZEI NOGUEIRA FILHO

Q uais são os fundamentos filosóficos e/ou epistemológicos que sustentam sua prática clínica?

O fundamento que norteia a minha clínica é a constatação que o discurso analítico define uma epistemologia. Distinta das epistemologias médica e científica e diferente do discurso filosófico. No meu modo de teorizar, tal distinção é definida pelo manejo que o discurso analítico faz do saber. Apesar de nem sempre destacado, tal manejo chega a nosso espírito em qualquer uma das sessões que dirigimos. O analista ocupa uma posição particular na qual a lógica de seu proceder caracteriza-se por dizer “FALE” e silenciar em seguida. Sem expor, portanto, o saber. Esta senha óbvia que identifica o analista implica, necessariamente, que existe uma atribuição de saber ao sujeito que procura a psicanálise. Mesmo que o falante não saiba disso. Há uma frase freudiana que afirma que “o neurótico não sabe que sabe” e todo o dispositivo psicanalítico é um modo de garantir que este saber venha exercer seu poder no tratamento analítico. E toda a construção teórica, toda a discussão clínica sustenta-se nesse modo de proceder.

É, então, uma posição que confere à psicanálise, ao discurso analítico, um modo de recortar o real que é distinto do modo empírico e verificacionista, do modo filosófico, do modo artístico e do modo religioso.

Sobre formação continuada, o que você recomenda aos analistas em formação sobre a formação de cada um?

Recomendo que leiam de tudo. De ‘Caras’ a ‘Contigo’; de ‘Cult’ a ‘Piauí’; dos clássicos aos contemporâneos. Recomendo que assistam de tudo: Polansky, Spielberg, Fellini, Wes Craven. Que nunca desistam de rever os textos clássicos dos psicanalistas clássicos (Freud, Klein, Bion, Lacan e outros menos fundadores de escolas), que não deixem de ler os escritos analíticos contemporâneos. E que não desprezem os discursos que fazem fronteira (epistemológica) ao discurso analítico: a psiquiatria



Durval Mazzei Nogueira Filho - Sedes Sapientiae

em suas várias formulações, a neurociência, a filosofia (notadamente, a filosofia que opta por considerar a ciência como a informante prioritária do discurso filosófico). De tal forma que - para manter a coerência com a resposta anterior - o discurso analítico não se submeta a nenhum destes outros.

Recomendo também que não se isolem na prática solitária e no discurso universitário. Reúnam-se, em escolas, departamentos, associações, sociedades que busquem o discurso analítico como sua estruturação.

Você poderia comentar brevemente sobre os fundamentos estéticos que norteiam o seu entendimento da Psicanálise?

Quanto aos fundamentos estéticos - no que NUNCA pensei - eu opto pelo minimalismo. Sutil e contundente como a música de Philip Glass ou os “Concertos em Forma de Pêra” do Erik Satie ou a simplicidade pulsante e libidinal do rock’n roll.



“A Therapy” - Curta metragem de Roman Polanski para Prada (<http://www.hootmag.org>)



Édipo e a Esfinge - François-Xavier Fabré

DECIFRA-ME OU TE DEVORO

Questão 1: A inserção de um terceiro na díade criança-mãe marca a entrada no simbólico. É a inscrição da metáfora paterna que permite que o sujeito entre na linguagem e articule sua cadeia significante, passando a fazer parte, assim, da cultura. A forclusão desse significante corresponde à abolição da lei simbólica, o que coloca à mostra todo o sistema do significante. Essa estrutura clínica descrita refere-se a

- a) perversão.
- b) neurose.
- c) depressão.
- d) psicose.
- e) fobia.

Prova: TJ-AL Ano: 2012 Cargo: Analista Judiciário

Questão 2: Julgue os itens a seguir, relativos às teorias da personalidade.

Entre os mecanismos de defesa do indivíduo, incluem-se deslocamento, introjeção, repressão, formação reativa e ansiedade de castração.

- a) Certo.
- b) Errado.

Ano: 2010 Prova: ABIN Cargo: Oficial Técnico de Inteligência

Questão 3: O termo superego, introduzido pela abordagem freudiana, alude

- a) a uma estrutura dentro do próprio ego, que sabota o crescimento do ego sadio, funcionando como uma organização patológica, que faz uma inconsciente sabotagem e boicote contra o crescimento das partes sadias do sujeito.
- b) ao narcisismo original, ou seja, os mandamentos internos obrigam o sujeito a corresponder, na vida real, às demandas provindas de seus próprios ideais,

geralmente impregnados de ilusões narcisistas inalcançáveis e, por isso mesmo, determinam no indivíduo um estado mental que se caracteriza por uma facilidade para sentir depressão e humilhação diante dos inevitáveis fracassos daquelas ilusões.

e) a uma estrutura composta por objetos internalizados, aos quais geralmente atribui-se um caráter persecutório, de intensidade maior ou menor e que, por meio de mandamentos, opõe-se às pulsões do id, faz ameaças e um boicote às funções do ego, distorce a realidade exterior e, ao mesmo tempo, submete-se a ela, cumprindo as determinações sobre o que o sujeito deve e o que não deve fazer.

d) a um duplo do sujeito, uma vez que por meio de identificações projetivas maciças dos seus superegoicos objetos internos em alguém, o sujeito constrói uma duplicação dele, uma espécie de um “gêmeo imaginário”.

e) a uma função que nasce com a criança, baseada na introjeção de objetos parciais, o seio da mãe, ao qual o bebê atribui poderes extremos de bondade e de maldade, de proteção e de perseguição, de fonte de prazer e de dor.

Prova: TRE-RS Ano: 2010 Cargo: Analista Judiciário

Questão 4: No pensamento freudiano são apresentadas algumas etapas de desenvolvimento. A que marca um intervalo na evolução da sexualidade, observando-se, deste ponto de vista, uma diminuição das atividades sexuais, a dessexualização das relações de objeto e dos sentimentos (especialmente a predominância de ternura sobre os desejos sexuais), o aparecimento de sentimentos como o pudor ou a repugnância e de aspirações morais e estéticas, corresponde

- a) à fase genital.
- b) à fase anal.
- c) à fase fálica.
- d) à fase oral.
- e) ao período de latência.

Prova: TJ-AP Ano: 2009 Cargo: Analista Judiciário

Questão 5: Sigmund Freud assinalou que as transferências do analisante cristalizam-se, durante o tratamento, na neurose de

- a) perversão.
- b) referência.
- c) caráter.
- d) transferência.
- e) conversão.

Prova: TJ-AP Ano: 2009 Cargo: Analista Judiciário

AGENDA

Agosto - Monografias Revisitadas

Setembro - Psicanálise e Sociedade
Jornada de Membros

Outubro - Ciclo de Palestras

Novembro - Evento Internacional

Aguarde mais informações

CHAMADA



Venha trabalhar conosco:

A Comissão de Divulgação convida você: estudante, analista e membro do departamento a fazer parte de um trabalho para o desenvolvimento e visibilidade do Departamento Formação em Psicanálise. Entre em contato e traga suas ideias!

Contato: contato.formacaoempsicanalise@sedes.org.br

EQUIPE

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Sefi Strengerowski, Beatriz Vogel, Carmina Pinheiro de Souza, Maria Julia Martins, Eliane Accioly Fonseca, Eduardo Lara, Eduardo Leal e Francisco Marques Nogueira.

Proj. gráfico e diagramação: www.relou.com.br

DEPARTAMENTO
Formação em
PSICANÁLISE

